



DOSSIÊ POLÍTICAS CULTURAIS: PROJETOS, ATORES E CIRCUITOS

## Crianças entre livros: a criação das bibliotecas infantis da cidade de São Paulo (1936 a 1946)

*Children among books: the creation of children's libraries in the city of São Paulo (1936 to 1946)*

*Niños entre libros: la creación de bibliotecas infantiles en la ciudad de São Paulo (1936 a 1946)*

**Patricia Tavares Raffaini**  
[orcid.org/0000-0003-1921-6269](https://orcid.org/0000-0003-1921-6269)  
[raffaini@usp.br](mailto:raffaini@usp.br)

**Recebido em:** 14 ago. 2021.

**Aprovado em:** 27 dez. 2021.

**Publicado em:** 28 jun. 2022.

**Resumo:** Este artigo analisa a implantação da Biblioteca Infantil, como uma das iniciativas do Departamento de Cultura da Cidade de São Paulo durante as décadas de 1930 e 1940. Utilizando fontes documentais que possibilitam verificar um pouco da recepção dessas ações culturais pelo público infante juvenil, pretendemos refletir sobre como políticas culturais pensadas para a infância podem propiciar o protagonismo infantil.

**Palavras-chave:** Políticas culturais para infância. Bibliotecas infantis. História da Infância.

**Abstract:** This article analyses the implementation of the Children's Library, one of the initiatives of the Department of Culture of the City of São Paulo during the 1930's and 1940's. Based on documental sources that make it possible to verify the reception of these cultural actions by children and adolescents, we intend to discuss how cultural policies, designed for childhood, promote children's protagonism.

**Keywords:** Cultural Policies for childhood. Children's libraries. Childhood history.

**Resumen:** Este artículo analiza la implementación de la Biblioteca Infantil, como una de las iniciativas del Departamento de Cultura de la Ciudad de São Paulo durante los años 1930 y 1940. A partir de fuentes documentales que permitan constatar un poco la acogida de estas acciones culturales por parte de la niñez y la juventud, pretendemos reflexionar sobre cómo las políticas culturales diseñadas para la infancia pueden promover el protagonismo de los niños.

**Palabras clave:** Políticas culturales para la infancia. Bibliotecas infantiles. Historia de la infancia.

Em 14 de abril de 1936 foi inaugurada a primeira biblioteca voltada ao público infantojuvenil da cidade de São Paulo. Estavam presentes na cerimônia de instalação o diretor do Departamento de Cultura, ao qual a biblioteca estaria subordinada, Mário de Andrade; o chefe da Divisão de Bibliotecas, Rubens Borba de Moraes; o chefe da Divisão de Parques Infantis, Nicanor Miranda além de outros convidados, adultos e crianças. Lenyra Fraccaroli foi escolhida para o cargo de diretora da biblioteca, que passava a funcionar no número 690, da rua Major Sertório, no bairro



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

de Vila Buarque, vizinho tanto da região central da cidade quanto do aristocrático bairro de Higienópolis (Imagem 1).

**Imagem 1** – Inauguração da Biblioteca Infantil, abril de 1936



**Fonte:** Acervo Biblioteca Infanto Juvenil Monteiro Lobato.

**Legenda:** Vemos atrás das crianças Lenyra Fraccaroli, Mário de Andrade, Nicanor Miranda e Rubens Borba de Moraes.

A criação da Biblioteca Infantil era uma das intervenções feitas pelo recém-criado Departamento de Cultura, e assim como outras iniciativas, pretendia disponibilizar à população da cidade equipamentos culturais que possibilitassem a transformação da realidade social. Voltados ao público infantojuvenil foram criados também com esse objetivo os parques infantis e os clubes dos menores operários, nos diversos parques da cidade como Parque Pedro II, do Ipiranga e da Lapa (RAFFAINI, 2001). A cidade de São Paulo tinha, nesse momento, pouco mais de um milhão de habitantes, sendo que deste total quase 300 mil eram imigrantes estrangeiros, que haviam chegado à capital nas primeiras décadas do século vinte. Em uma cidade que havia crescido vertiginosamente e onde se escutavam sotaques das mais diversas proveniências não é de se admirar que o projeto de política cultural se constituía como uma possibilidade de dar uniformidade

e uma identidade própria a essa população recém-chegada e multiétnica (SEVCENKO, 1992).

Apesar do ineditismo da criação no contexto da cidade, a Biblioteca Infantil não era a primeira do gênero no país. Quase dois anos antes, em agosto de 1934, durante a gestão de Anísio Teixeira como diretor da Instrução Pública do Distrito Federal, criou-se uma Biblioteca Popular Infantil, no pavilhão Mourisco, localizado no Botafogo. Sua diretora era Cecília Meireles, que vinha se dedicando a divulgar as ideias do movimento escolanovista em uma coluna intitulada "Página da Educação", no *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro. A educadora havia também realizado, em 1931, junto ao Instituto de Pesquisas Educacionais, uma extensa pesquisa sobre os hábitos e preferências de leituras de crianças de 7 a 14 anos nas escolas municipais. Sabemos que essa pesquisa norteou a formação do acervo da Biblioteca Popular Infantil, em uma iniciativa

pouco comum a diretora escolheu colocar nas estantes da biblioteca as obras que as crianças haviam eleito como suas preferidas: contos de Grimm, Perrault e Andersen, Monteiro Lobato, aventuras de Tarzan e Sherlock Holmes, Júlio Verne entre outros (SOARES, 2007, p. 258- 263).

A Biblioteca Infantil criada em São Paulo, diferentemente da criada no Distrito Federal, que estava ligada ao Departamento de Instrução Pública, estaria submetida à divisão de Bibliotecas do Departamento de Cultura, que pretendia instalar uma rede de bibliotecas na cidade. O projeto que Rubens Borba de Moraes havia elaborado, em conjunto com os outros intelectuais ligados ao Departamento, previa a instalação de uma biblioteca central, diversas bibliotecas populares, bibliotecas infantis e um ônibus biblioteca, também chamado de biblioteca circulante. Assim, a biblioteca infantil instalada na Vila Buarque foi, desde o princípio, pensada em conjunto com as outras bibliotecas, no sentido de formar um público leitor infantojuvenil que no futuro poderia frequentar as outras da rede. Trazia em seu projeto inicial características que a aproximavam de um centro de cultura infantil, com o objetivo de formar o hábito da leitura, de constituir um público leitor.

Tanto a Biblioteca Popular Infantil, do Distrito Federal, como a Biblioteca Infantil de São Paulo compartilhavam semelhanças com as bibliotecas fundadas na Europa, logo após o término da Primeira Guerra Mundial, as bibliotecas denominadas *L'Heure Joyeuse*.<sup>2</sup> As duas bibliotecas eram lugares de leitura que não estavam especificamente ligados às atividades escolares, haviam sido pensados para o exercício da leitura por prazer, onde a criança era livre para escolher o que lhe apetecia. Além disso, eram oferecidas aos frequentadores oportunidades de acesso a outras práticas artísticas, como: ateliês para a modelagem, pintura e desenho, canto coral,

teatro e cinema. Havia também, em ambos os espaços, a intenção de proporcionar à criança formas de contato com a literatura que ultrapassavam o empréstimo de livros e a leitura, como os encontros promovidos entre as crianças e os autores de livros infantis.

Lenyra Camargo Fraccaroli (1906-1991), a primeira diretora da Biblioteca Infantil da cidade de São Paulo, formou-se professora na Escola Normal Caetano de Campos, em 1932. No ano seguinte, organizou nessa instituição uma biblioteca infantil que tinha como objetivo servir principalmente aos alunos que frequentavam a Escola Modelo, ligada à Escola Normal. Provavelmente foi decorrente dessa sua primeira experiência que veio o convite para dirigir a Biblioteca Infantil. Naqueles anos, de 1933 a 1935, Fernando de Azevedo transformava a Escola Normal em um instituto de educação, que se inseriria, mais tarde, no ensino superior com a criação da Universidade de São Paulo. O projeto do Departamento de Cultura gestado por Mário de Andrade e Paulo Duarte foi enviado, provavelmente no início de 1935, ao educador para que contribuísse com sugestões. (DUARTE, 1976, p. 9) Teria sido ele a indicar a jovem educadora ao cargo? Não sabemos, mas essa primeira iniciativa, no ambiente da Escola Normal, e principalmente sua concepção da biblioteca, como espaço para a leitura que construiria uma nova geração de leitores, estava alinhada tanto aos ideais do escolanovismo, quanto ao projeto dos intelectuais do Departamento; assim como a capacitava para o cargo de diretora da nova biblioteca. Na documentação iconográfica existente sobre essa primeira biblioteca ligada à Escola Normal percebemos a utilização de móveis adaptados, alguns em tamanho apropriado para os pequenos frequentadores, enquanto outros parecem ter sido adaptados. Na Imagem 2 percebemos a assimetria entre as espreguiçadeiras e a grande

<sup>2</sup> As duas primeiras bibliotecas infantis criadas na Europa foram financiadas pelo Book Committee on Children's Library, um fundo feito para auxiliar as regiões devastadas pela guerra. Em 1922, foi fundada uma *L'Heure Joyeuse* em Bruxelas e, em 1924, outra em Paris. Na capital francesa várias outras foram criadas pelo mesmo fundo nos anos subsequentes. Os ambientes eram inspirados nas bibliotecas anglo-saxãs e estadunidenses, e possuíam um ambiente cordial, com decorações infantis, em cores claras, sendo o acesso às estantes de livros permitido às crianças. Além do empréstimo de livros ofereciam aos frequentadores ambientes de jogos, de exposições, ateliers de desenho, peças de teatro e jornais escritos pelas próprias crianças (RENONCIAT, 1991; EZRATTY, 2016).

mesa, resultantes talvez da necessidade de se aproveitar um mobiliário já existente na instituição. Nota-se também uma preocupação em tornar

o espaço amigoso, familiar, com a presença de vasos com flores, quadros nas paredes.

**Imagem 2** – Biblioteca Infantil da escola modelo do Instituto Caetano de Campos, 1933



**Fonte:** Acervo Biblioteca Infanto Juvenil Monteiro Lobato.

Já nas imagens da Biblioteca Infantil inaugurada pela municipalidade em 1936, encontraremos um mobiliário muito mais padronizado distribuído por diversos ambientes instalados em salas de uma casa adaptada para tal finalidade. Também nessa documentação iconográfica notamos a preocupação em transformar o espaço de consulta e leitura em um ambiente acolhedor, com suas estantes baixas, frisos decorados com motivos infantis, vasos com plantas e grandes janelas. Nesse primeiro endereço, na rua Major Sertório, a biblioteca permaneceu até 1945, quando mudou para o palacete de Rodolfo Miranda, na rua General Jardim, localizado a poucos metros de distância do primeiro endereço. Em 1950, a instituição se transferiu definitivamente para um prédio, na mesma rua, que foi especialmente construído para ela e onde está até os dias de hoje, tendo uma praça que a envolve. Em todos os endereços, o cuidado com a criação de um espaço que possibilitasse um contato prazeroso com

a leitura esteve presente, como podemos notar nas muitas fotografias preservadas no centro de documentação da biblioteca, do qual somente uma pequena parte será analisada nesse artigo.

As atividades que as crianças poderiam fazer na Biblioteca Infantil iam muito além da leitura e empréstimo de livros e revistas, havia uma sala destinada aos jogos de tabuleiro, como o xadrez e damas, além de uma coleção de gravuras que podiam ser copiadas; e ainda um pequeno auditório e uma sala adaptada à projeção de filmes. A diretora contava com a ajuda de duas outras das bibliotecárias: Haydée e Noêmia, que a auxiliavam nas salas de consulta e no empréstimo das obras. As três educadoras eram formadas na Escola Normal, tinham como atribuição acompanhar e favorecer o interesse pelos livros, indicando às crianças aqueles mais apropriados à sua faixa etária. As crianças e jovens tinham na Biblioteca Infantil acesso direto as estantes, podiam escolher o que mais as interessava no momento.

**Imagem 3** – Sala de leitura da Biblioteca Infantil



**Fonte:** Acervo Biblioteca Infante Juvenil Monteiro Lobato.

**Legenda:** Ao fundo vemos uma das bibliotecárias em sua mesa e crianças jogando xadrez. Década de 1930.

Como podemos observar na imagem acima os frequentadores poderiam ler os livros escolhidos na sala de leitura, a fotografia, que foi utilizada na divulgação das atividades do Departamento de Cultura, parece querer revelar a quantidade de crianças e jovens atendidas pela Biblioteca. As estatísticas feitas pela instituição no período estudado mostram que o volume de livros emprestados era realmente grande, mas será que a sala de leitura ficava todos os dias mesmo tão repleta? Aqui é importante lembrar que os documentos iconográficos são como quaisquer outros documentos, sempre um registro construído, com suas especificidades próprias. Apesar disso, a qualidade da imagem possibilita que tenhamos uma ideia da variedade de publicações disponíveis para o público: livros em pequenos formatos, álbuns ilustrados, revistas.

Outra possibilidade para os frequentadores seria levar o livro emprestado para casa por alguns dias. Em ambos os casos os leitores deveriam preencher uma ficha com suas impressões sobre a leitura. Essas fichas, além de serem indispensáveis na organização da biblioteca eram utilizadas também em pesquisas que revelavam

características sobre os hábitos de leitura das crianças. Em vários momentos, nas décadas de 1930 e 1940, a Biblioteca Infantil colaborou com o Laboratório de Psicologia, do Instituto de Educação da Universidade de São Paulo, sob a orientação de Noemy Silveira Rudolfer, fornecendo material a ser analisado.

As bibliotecárias faziam o controle e documentavam as leituras realizadas por cada consulente em uma ficha que possibilitava que se conhecesse o perfil de leitura de cada um. Junto aos dados como nome, idade, local de residência e escola, vemos registrado também a profissão do pai. Essa informação peculiar, incluída na ficha de cada criança, se explica por uma pesquisa que foi realizada por uma das seções do Departamento de Cultura, a de documentação social e estatísticas. Em conjunto com a Escola de Sociologia e Política, a seção de documentação social empreendeu várias pesquisas com o objetivo de investigar e elaborar um mapa da cidade de São Paulo de acordo com o nível social dos habitantes. Para isso realizaram pesquisas não só na Biblioteca Infantil, mas também nos grupos escolares. O mapa divulgado na *Revista do Arquivo Municipal*,

volume 23, de maio de 1936, revela não somente que as camadas ligadas ao trabalho operário estavam localizadas nos bairros periféricos, mas sobretudo, a vontade dos intelectuais ligados ao Departamento de Cultura de por meios científicos, mapearem os espaços, traçarem uma espécie de cartografia social, que poderia ser usada para melhor organizar e controlar a cidade. Por meio dessa documentação, é possível verificar que muitas vezes as crianças e jovens viviam em locais distantes da biblioteca, assim como que era bastante variada a configuração social das

famílias cujos filhos frequentavam a biblioteca. As fichas também são fontes documentais importantes pois materializam hábitos de leitura do passado, a ficha pode revelar não só a preferência da criança por alguns autores específicos, mas também a regularidade da leitura. Lembrando que o acervo não dispunha de muitos exemplares de uma mesma obra, é importante estar atento para o fato de que muitas vezes a criança ou o jovem deveria esperar semanas para ter em mãos o livro desejado, e talvez nesse intervalo tenha retirado e lido outros autores (Imagem 4).

Imagem 4 – Ficha de frequentador da Biblioteca Infantil

FICHA DE MATRICULA

DEPARTAMENTO DE CULTURA – BIBLIOTECA INFANTIL

Nome *Celso Amaral Lanzoni* Idade *12 anos*  
 Residência *General Saldim, 479* Bairro *Vila Buarque*  
 Escola *Abnormal Modelo 1ª.ª* N.º de matrícula *2262*  
 Prof. do pai *Func. publico* Data de nasc. *19-8-1927*

*7.ª ficha.*

Data	Livro retirado.	Autor	N.º do vol.
<i>11-9-39</i>	<i>REVORRENDO AS CONDILHEIRAS</i>	<i>KARL MAY</i>	<i>A-1-A-21</i>
<i>30-9-39</i>	<i>LARANJAS E TAMARAS</i>	<i>KARL MAY</i>	<i>A-1-A-22</i>
<i>10-10-39</i>	<i>JUDAS E SATANAS (I)</i>	<i>KARL MAY</i>	<i>A-8-O-32</i>
<i>18-10-39</i>	<i>NOMADES DO NORTE</i>	<i>J. O. CURWOOD</i>	<i>A-8-m-35</i>
<i>23-10-39</i>	<i>O GRITO DA SELVA</i>	<i>J. LONDON</i>	<i>A-8-O-35</i>
<i>9-11-39</i>	<i>PIEDRAS DE MUI E JEF</i>	<i>x x x</i>	<i>A-8-d-</i>
<i>14-11-39</i>	<i>JUDASE-SATANAS (II)</i>	<i>KARL MAY</i>	<i>A-8-O-34</i>
<i>20-11-39</i>	<i>REINACÕES DE NARIZINHO</i>	<i>MONTEIRO LOBATO</i>	<i>A-1-L-1</i>
<i>21-11-39</i>	<i>NOVAS REINACÕES DE N</i>	<i>MONTEIRO LOBATO</i>	<i>A-1-L-16</i>
<i>5-12-39</i>	<i>NO GRANDE PACIFICO</i>	<i>KARL MAY</i>	<i>A-1-A-23</i>

Fonte: FRACAROLLI, 1940, p. 296.<sup>3</sup>

Já as fichas de leitura preenchidas pelos frequentadores mirins podem nos revelar alguns aspectos sobre a recepção da obra literária, apesar de suas perguntas serem diretas e objetivas. Eram duas as fichas de leitura que se solicitava ao

consulente: uma para as obras lidas na biblioteca e outra para as obras que eram emprestadas e lidas em casa. Abaixo (Imagem 5 e Imagem 6) temos alguns exemplos de fichas preenchidas pelos frequentadores, que foram publicadas em um artigo de autoria de Lenyra.

<sup>3</sup> Separata da *Revista do Arquivo Municipal*, n. LXVI.

Imagem 5 – Ficha de obra a seção fixa da Biblioteca Infantil

VERSO

DEPARTAMENTO DE CULTURA — Biblioteca Infantil

**FICHA DE LEITURA**

Nome Emilda de Mello Slury Edade 12

Data do início da leitura 31-12-1937

Data da terminação 5-1-1938

Nome da obra Contos de Andersen

Nome do autor Andersen

Numero do volume 1-1-10

Nacionalidade do autor Dinamarquês

Conhece outras obras do mesmo autor? —

Os livros são os nossos maiores amigos. — Conserva-os com cuidado.

REVERSO

Resuma o assunto do livro nestas linhas: Este livro, compõe-se de histórias, a que descrevem a vida de Opatinho feio, uma pata, sem saler, choca um ovo de gema, e ele ao picar, caí no fogo, que até os "manos" lhe tinham medo, ligando a estes genes e quis'tamo ele, elegante, banhou-se nas águas cristalinas, e com grande surpresa se viu transformado em um belo jovem bonito.

Que achou do livro? Bom

É realidade ou ficção? Ficção

Prosa ou verso? Prosa

Qual o personagem que mais o impressionou? Opatinho feio

Porque? Por ser corajoso

Fonte: FRACAROLLI, 1940, p. 297.<sup>4</sup>

Imagem 6 – Ficha da Seção Circulante da Biblioteca Infantil

VERSO E REVERSO  
da ficha de leitura da seção circulante

DEPARTAMENTO DE CULTURA

Biblioteca Infantil

Requisição de livro

Autor Julio Verne

Título da obra Uma cidade flutuante

Data 2-4-36 C-5-j-32

Prazo de 5 dias

Nome Paulo Emilio Vanzolini

Edade 12

Residência Alameda Tietê, 71

O prazo para a devolução foi prorrogado por \_\_\_\_\_ dias.

A obra constante desta requisição foi restituída em 3-5-36

A Bibliotecaria  
Lenyra B. Fraccaroli

Form. 974 - B. G. P.

Resuma o assunto do livro nestas linhas:

Julio Verne descreve nesta obra, com estilo leve e bem humorado, uma viagem num transatlântico em tempo, cruzando com em todas suas obras, tipo originais e burlescos.

Que achou do livro? Ótimo

É realidade ou ficção? Fantasia

Prosa ou verso? Prosa

Qual o personagem que mais o impressionou? Deau Pufferge, que tinha a manija do canhão

Porque? Por ser um tipo real, obcecado pela ideia de naufragar, franquea até a medula do osso, isto é, mentes, moral, fanfarrão e excêntrico

Fonte: FRACAROLLI, 1940, p. 298.<sup>5</sup>

<sup>4</sup> Separata da Revista do Arquivo Municipal, n. LXVI.

<sup>5</sup> Separata da Revista do Arquivo Municipal, n. LXVI.

As fichas de leitura, que as crianças e jovens preenchiam com informações sobre a leitura que haviam feito, eram moeda de troca para uma das atividades mais disputadas da biblioteca: o cinema infantil. Uma vez por semana, às quartas-feiras, se faziam duas ou mesmo três sessões cinematográficas, em uma sala que comportava cerca de 150 espectadores, eram exibidas fitas comerciais, principalmente, de Walt Disney e Shirley Temple. Em fevereiro de 1938, por exemplo, a escolha foi *Heidi* com Shirley Temple, no papel principal. A escolha de filmes comercialmente atrativos tinha uma razão: estimular a frequência

de leitura, pois apenas os consulentes que tivessem retirado dois ou três livros durante a semana poderiam ganhar ingressos para os filmes, que eram, aliás, concorridíssimos como vemos pelas fotos a seguir. As imagens nos revelam que o público era variado, tanto na faixa etária quanto na configuração étnica, pois vemos nas fotos a presença de crianças negras, algo não muito frequente em outros documentos iconográficos produzidos pelo próprio Departamento de Cultura, como, por exemplo, as que registravam as atividades dos parques infantis.

**Imagem 7** – Crianças esperam pela sessão de cinema na parte externa da Biblioteca Infantil. Década de 1930



**Fonte:** Acervo Biblioteca Infantil Monteiro Lobato.



**Imagem 8** – A sala de projeção da Biblioteca Infantil repleta de crianças



**Fonte:** Acervo Biblioteca Infantil Monteiro Lobato.

**Legenda:** Como nas salas de aula, meninas de um lado, meninos do outros. Na parede, ao fundo, a foto do ícone Shirley Temple. Década de 1930.

Consultando os documentos existentes na biblioteca, verificamos que muitas vezes os livros mais retirados para leitura eram os que haviam recebido alguma adaptação para o cinema. Esse foi tema de uma pesquisa realizada pelo Laboratório de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo na Biblioteca Infantil Municipal. A pesquisa sob responsabilidade da Dra. Betti Katzenstein e de Beatriz Freitas foi divulgada em um extenso artigo publicado na *Revista do Arquivo Municipal*, em 1941. As autoras fizeram um levantamento nas fichas de leitura preenchidas pelos frequentadores da biblioteca, de abril de 1936 a julho de 1939, chegando à constatação que dois livros, cujos enredos foram adaptados para o cinema, foram os mais retirados: *Mulherzinhas*, de Louise May Alcott e *O Rancho do Fantasma*, adaptado por A. Brussolo. A pesquisa também revelou grandes diferenças de gênero na escolha dos livros a serem lidos: as meninas deram preferência ao clássico de Alcott, enquanto os meninos preferiram a obra de Brussolo.

Durante o primeiro ano, o número de visitas que a biblioteca recebeu foi de 25.547, contando

inclusive as feitas para as sessões de cinema. Em 1940, quatro anos após a inauguração haviam quase 7.000 crianças e jovens inscritos, e a biblioteca emprestava de 1.500 a 2.000 livros por mês. O volume de empréstimos só não era maior devido ao acervo ser reduzido. Segundo Lenyra, isso não era resultado de falta de investimentos da municipalidade, mas sobretudo devido à ausência de publicações voltadas às crianças, pois no período ainda eram poucas as editoras que publicavam obras infantojuvenis de autores brasileiros, ou boas traduções de livros estrangeiros.

[...] a Biblioteca [para as crianças que gostam de ler] só pode interessar durante um ou dois anos de frequência regular, pois, após esse curto espaço de tempo, não mais terão livros para ler. Temos verba que permite suficientemente as aquisições necessárias ao acervo, recebemos o mais franco apoio do nosso diretor, mas não temos o que comprar (FRACCAROLI, 1940, p. 305).

Essa constatação também aparece em um registro bem peculiar, as memórias de Victor Nussenzweig, que quando criança frequentou a biblioteca entre 1941 a 1945, e que nos revela

em seu livro *Memórias de um menino judeu do Bom Retiro* como era a biblioteca e qual era sua prática relacionada a leitura:

Descobri a biblioteca infantil na Rua Major Sertório em 1941, aos treze anos. Alguém deve ter recomendado, talvez no Ginásio do Estado, onde eu cursava o terceiro ano. A casa era muito simples, uma residência particular de quartos amplos e tetos altos, cercada de um jardim de árvores imensas, daquelas que eram chamadas de 'centenárias' [...] Os livros estavam expostos em somente duas salas. Eu não usava muito a sala de leitura, preferia levar os livros para casa e ler na cama, comendo os grãos de uma espiga de milho, um a um (NUSSENZWEIG, 2014, p. 64).

E realmente não parece ter sido a ampla variedade de obras que fez com que o menino Victor e seu irmão Moyses frequentassem a biblioteca:

Não creio que a variedade de livros foi o que nos tornou assíduos frequentadores da biblioteca, nossa atração maior foi *A Voz da Infância*, um jornalzinho mimeografado. O Moyses, que tinha nove anos e gostava de desenhar, submeteu uma caricatura do Groucho Marx e ficou muito orgulhoso quando foi publicada. No entanto, achamos que a maioria das contribuições dos garotos não eram originais. [...] Convenci dona Lenyra que eu poderia transformar radicalmente *A Voz da Infância* se ela me desse inteira liberdade editorial. Fui nomeado diretor em julho de 1944 (NUSSENZWEIG, 2014, p. 67).

A redação do jornal mencionado por Victor Nussenzweig ficava inteiramente a cargo dos jovens e crianças frequentadoras. Nesse jornal as crianças criavam suas próprias narrativas, faziam desenhos e caricaturas, publicavam histórias ilustradas semelhantes as veiculadas pela revista *Tico-Tico*, escreviam resenhas de seus livros preferidos, sendo responsáveis também pela impressão em uma máquina de mimeógrafo da própria biblioteca e pela distribuição do jornal. Essa atividade possibilitava que as crianças se vissem não só no papel de leitores, mas no de escritores, de criadores de narrativas, além de propiciarem uma sociabilidade, uma troca en-

tre os jovens que compartilhavam uma mesma prática de leitura e escrita. Os textos e desenhos publicados no jornal infantil revelam de forma especial as atividades realizadas na biblioteca como peças teatrais, excursões, ou ainda acontecimentos do cotidiano urbano, possibilitando ao pesquisador uma porta de entrada à recepção das políticas culturais voltadas às crianças e jovens no período, assim como as opiniões e anseios dessas crianças e jovens (ANDREOTTI, 2004; RAFFAINI, 2016).

O ambiente da biblioteca parece ter sido pensado desde sua fundação no sentido de favorecer uma sociabilidade infantil. Assim tanto na elaboração do jornal infantil, como nas salas de jogos, na encenação de pequenas peças teatrais, vemos que as crianças e jovens tinham um importante protagonismo, sendo responsáveis por definir e de fato confeccionar produtos culturais que depois eram divulgados e compartilhados por todos os frequentadores. A leitura e o mundo dos livros aparecem como sendo um fio condutor de todas essas práticas, e em especial da denominada "A Hora do Conto", onde as crianças e jovens entravam em contato com seus autores favoritos. Nesses momentos especiais, os escritores eram convidados a contar uma de suas narrativas às crianças, que depois poderiam fazer perguntas e conversar com escritores conhecidos como Monteiro Lobato, Tales de Andrade, Vicente Guimarães e Malba Tahan, para citar apenas alguns. Ao proporcionar o encontro das crianças e jovens com os escritores, Lenyra não só fazia com que o trabalho da Biblioteca fosse conhecido por um público mais amplo, mas também despertava de forma lúdica um interesse maior por autores brasileiros. Em vários números do jornal *A Voz da Infância* vemos como as crianças e jovens recebiam com muita alegria esses momentos de troca tão próxima.

**Imagem 9** – A Hora do Conto com Vicente Guimarães. Década de 1940



**Fonte:** Acervo Biblioteca Infantil Monteiro Lobato.

Outra iniciativa que permitia às crianças e jovens uma reflexão sobre o universo da leitura e da literatura, eram os Congressos de Escritores Juvenis, sendo que o primeiro foi organizado pelos jovens que frequentavam a Biblioteca Infantil em 1946. O objetivo principal do congresso seria debater assuntos relativos à literatura infantil brasileira, para isso os jovens apresentariam e debateriam suas teses sobre alguns temas definidos a priori, como: qual seria a influência dos contos de fadas nas crianças; se a leitura das revistas em quadrinhos seria recomendável ou não; o motivo da falta de livros destinados aos adolescentes entre outros. Haveriam também adultos convidados a proferirem conferências sobre a literatura infantil, assim como apresentações artísticas e visitas a vários locais da cidade, como o Museu do Ipiranga e o Instituto Butantã. No primeiro congresso, a comissão organizadora junto com as bibliotecárias e funcionários da biblioteca ajudaram a receber grupos de jovens que vieram de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e de cidades no interior do estado. Para termos a dimensão

de como a iniciativa teve uma repercussão importante, a abertura do congresso aconteceu no dia 4 de novembro de 1946 no Teatro Municipal e vários jornais da cidade noticiaram o evento nos dias subsequentes. Os resultados desse primeiro encontro foram tão animadores que nos anos seguintes dois congressos foram realizados, o segundo em Belo Horizonte, em 1947 e o terceiro no Rio de Janeiro, em 1948.

Novamente é Victor Nussenzweig que em suas memórias relata uma cena do primeiro Congresso de Escritores Juvenis. Ele e o irmão Moyses, aficionados leitores de histórias em quadrinhos, tão combatidas nos anos 1940, preparam uma defesa do gênero:

Não lembro se fui eu ou o Moyses que pediu a palavra, para a surpresa dos figurões que enchiam o auditório. Nós havíamos preparado cuidadosamente toda uma série de argumentos e terminamos afirmando categoricamente que as histórias em quadrinhos, ao contrário da opinião da maioria ali presente, eram uma iniciação importante à leitura dos jovens e que deveriam ser incentivadas, não proibidas. Estou certo de que não convencemos a maioria, mas na saída do anfiteatro, Oswald de Andrade, um escritor que admirávamos, nos congratulou (NUSSENZWEIG, 2014, p. 22).

**Imagem 10** – Lenyra e os jovens participantes paulistas do 1º Congresso de Escritores Juvenis, 1946



**Fonte:** Acervo Biblioteca Infantil Monteiro Lobato.

Durante a década de 1940 e 1950, ocorre uma expansão da rede de bibliotecas municipais, na cidade de São Paulo e nesse contexto também são inauguradas várias bibliotecas voltadas ao público infantil. Em 1946, uma segunda biblioteca infantil foi inaugurada no bairro do Itaim, com salas destinadas a leitura, de empréstimo e para o cinema infantil. Nos anos seguintes, três novas bibliotecas são implantadas em bairros mais distantes do centro da cidade, com uma população de perfil mais operário. Em 1952, temos a inauguração da Biblioteca Infantil da Vila Mariana, em 1953 a de Santo Amaro, e em 1956 a do Tatuapé. Cada uma dessas bibliotecas colocava a disposição dos frequentadores não só livros para serem lidos em suas salas de consulta, mas também um acervo circulante, promoviam também várias atividades culturais como a hora do conto, o cinema infantil, peças de teatro, seguindo as atividades que eram já tradicionais na primeira biblioteca infantil da cidade.

A partir da década de 1940, a primeira biblioteca infantil, a da Vila Buarque, sediou algumas

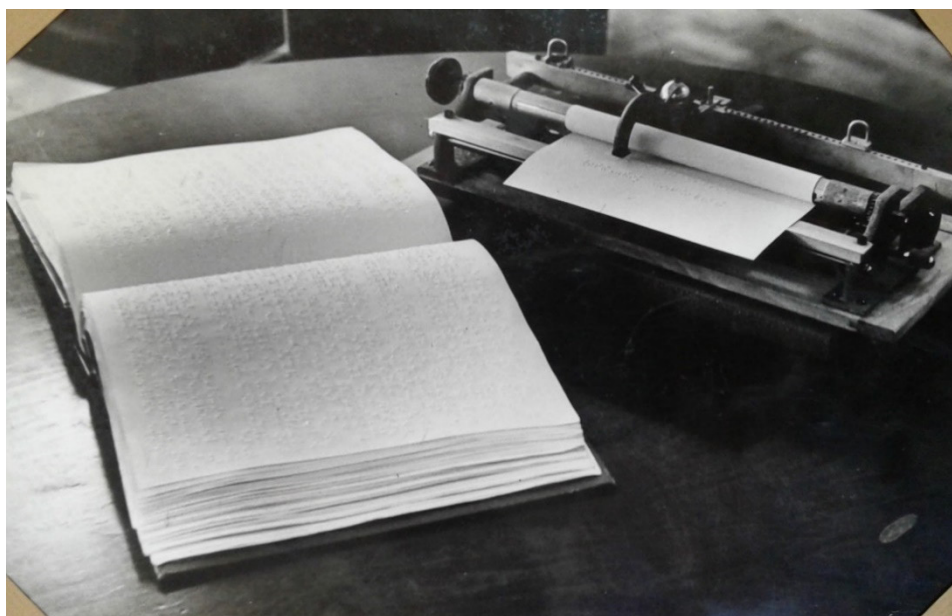
ações de política cultural voltadas a um público muito específico, e para o qual não havia praticamente nenhuma atividade na cidade. Em 1945, Dorina Nowill, a primeira aluna cega da Escola Normal Caetano de Campos, realizou um estágio na Biblioteca Infantil. Durante seu trabalho estabeleceu uma ponte entre a diretora, Lenyra Fraccaroli, e o Instituto de Cegos Padre Chico, que atuava na educação de crianças cegas ou com baixa visão. Dois anos depois, em 1947, a Biblioteca Infantil organizou uma sala especial: o primeiro espaço público voltado a leitura em braile em todo o país. Como a dificuldade em obter livros transcritos para braile era muito grande, bibliotecárias e voluntárias começaram nesse mesmo espaço a transcrever várias obras e colocá-las a disposição do público. No início da década de 1970 a sala já possuía mais de 4.400 volumes em braile que abrangiam livros dos mais variados gêneros, além de revistas. As crianças cegas que frequentavam a biblioteca também participavam de outras atividades como a escuta de discos, peças de teatros, festas e brincadeiras (DE LA TORRE, 2014).

**Imagem 11** – Audição de discos na seção de braile da Biblioteca Infantil



**Fonte:** Acervo Biblioteca Infantil Monteiro Lobato.

**Imagem 12** – Equipamento da Biblioteca Infantil para a transcrição em braile



**Fonte:** Acervo Biblioteca Infantil Monteiro Lobato.

A trajetória por entre crianças e livros de Lenyra Fraccaroli ganha outra dimensão se pensarmos na bibliotecária como uma intelectual mediadora, segundo a acepção da palavra na obra *Intelectuais Mediadores*, organizada por Angela de Castro Gomes e Patricia Hansen. A educadora, que atuou como diretora da Biblioteca Infantil desde o início da sua implantação e que mais tarde se tornou

a responsável pela rede de bibliotecas infantis de toda a cidade, produziu também, durante as décadas de 1940 e 1950, textos nos quais abordava questões relativas à implantação de bibliotecas infantis e análises sobre a bibliografia de literatura infantil.

Em texto publicado em abril de 1940, na *Revista do Arquivo Municipal*, periódico de divul-

gação ligado ao Departamento de Cultura, a educadora faz uma interessante explanação de caráter teórico, mas também prático sobre o funcionamento de uma biblioteca infantil. Logo no início do texto ela determina sua finalidade como "parte indispensável em um sistema de educação" (FRACCAROLI, 1940, p. 292), os livros possibilitariam que crianças e jovens se auto educassem. Aprendendo a amar os livros e a leitura elas teriam acesso a vários domínios do conhecimento, pois se os livros "levam ao mágico país das fadas, também abrem o mundo profundo e vasto da ciência" (1940, p. 292). Fica evidente em alguns trechos de seu texto sua filiação ao pensamento escolanovista, de um ensino ativo e protagonizado pelas crianças e jovens:

O contato constante com os elementos que descortinam o pensamento de todos os povos, de todos os tempos, faz nascer a confiança em si, e a criança, pouco a pouco, vê a vida, não em perspectivas obscuras, mas, liberta de submissões anuladoras, para sobrepor-se a elas, dia a dia, na ascensão de cada vitória (FRACCAROLI, 1940, p. 292).

Utilizando vários exemplos de fichas e formas de catalogação, além de fotos feitas na Biblioteca Infantil, Lenyra estabelece diretrizes que poderiam ser seguidas na organização de outras bibliotecas no interior do estado e também em outras regiões do país. O texto publicado na *Revista do Arquivo Municipal*, assim como o capítulo escrito no livro *Curso de Literatura Infantil*, de 1958, intitulado "Organização e funcionamento de uma biblioteca escolar", traz explicações práticas sobre o trabalho de uma bibliotecária, com detalhes técnicos que vão da altura das prateleiras a indicação de onde se poderia comprar o material necessário para o funcionamento de uma biblioteca. No entanto, em ambos os textos temos considerações sobre o papel dos livros e das bibliotecas que revelam suas concepções sobre a educação, o papel dos impressos e também o dos gêneros no trabalho com as crianças e jovens.

Nos textos que escreveu, a opção pelo gênero feminino fica sempre evidente: "numa biblioteca infantil encontram-se duas forças que se

conjugam: a atividade da criança e a influência orientadora da bibliotecária". Em sua opinião a bibliotecária deveria gostar "de estar entre as crianças e livros" e também que "não lhe sejam desconhecidas todas as forças que exercem influência sobre o mundo infantil, participe dos seus interesses, saiba manter a disciplina para conduzir com firmeza e resultado, conheça literatura infantil adequada e seja estudiosa". Utilizando a denominação bibliotecária sempre no feminino justifica: "refiro-me sempre à bibliotecária, porque sou de opinião que somente a mulher deve dirigir uma biblioteca infantil" (FRACCAROLI, 1940, p. 294-296).

Apesar de em um primeiro momento poderemos pensar que o que existe aqui é quase uma reserva de mercado, uma tática para a inserção feminina no mercado de trabalho, de fato o que a escrita revela é uma forma de ver a educação, como uma extensão do papel maternal da mulher. Em uma biblioteca, no pensamento de Lenyra Fraccaroli, as mulheres são as profissionais indicadas, porque são naturalmente mais aptas a lidar com crianças e jovens. Essa concepção já circulava com força nas últimas décadas do século XIX, como vemos na procura e formação das escolas normais, e que como podemos perceber era ainda muito forte em meados do século XX. (UEKANE, 2010) Seguindo essa lógica, sendo a biblioteca infantil pensada como parte do sistema de educação, essa profissional deve além de ser mulher, ser também uma professora, deve "conhecer psicologia e educação. Dai a razão de minha preferência da escolha de bibliotecárias infantis escolares, entre os candidatos portadores de diploma de professor normalista" (FRACCAROLI, 1958, p. 122).

Em seus textos, Lenyra ressalta a importância de uma formação técnica e aprofundada da bibliotecária, para que possa, não só administrar bem a instituição da qual é encarregada, mas principalmente compreender as necessidades do público e agir como uma fomentadora de práticas que transformariam o espaço da biblioteca em um centro de cultura infantil. Sua trajetória nos permite vê-la como uma intelectual mediadora,

na medida em que ela não só produz um conhecimento que divulga para um grupo especializado de profissionais, como bibliotecárias/os e professores, mas também atua diretamente nos equipamentos que a municipalidade organiza voltados ao público infanto-juvenil. Como diretora da Biblioteca Infantil, e depois como chefe da rede de bibliotecas infantis da cidade, é ela quem escolhe os livros apropriados ao público, que convida escritores para encontros com as crianças e jovens, fazendo a ponte, mediando o contato entre público e escritores, entre as crianças e os livros.

Mas o que achavam as crianças dessas iniciativas? O jornal *A Voz da Infância* nos revela muitas dessas opiniões, mas como era escrito no interior da Biblioteca Infantil, é de se esperar que opiniões divergentes não encontrassem aí muito espaço. No entanto, outras fontes podem nos mostrar outros pontos de vista, e por elas podemos ter uma ideia da repercussão das diversas iniciativas do departamento de Cultura voltadas ao público infantojuvenil pelas memórias de alguns de seus frequentadores. Apesar das memórias serem sempre escritas muito tempo depois de transcorridas as lembranças, elas podem nos ajudar a compreender como as crianças tinham acesso,

ou chegavam a desfrutar algumas das instituições planejadas durante os anos 30 e 40, do século XX. Novamente é Victor Nussenzweig que nos revela como uma criança, filha de judeus pobres que haviam emigrado da Polônia e que viviam em uma pequena casa alugada no Bom Retiro, aproveitava as iniciativas que haviam nascido com o Departamento de Cultura, mesmo que elas não fossem unicamente dirigidas a esse público. Por meio de suas memórias ficamos sabendo por exemplo, que as crianças e jovens tinham acesso a livros nem sempre indicados para sua faixa etária na Biblioteca Circulante, que ficava estacionada no Jardim da Luz, na parte central da cidade.

No centro do parque, o coreto e uma pracinha, onde alguns dias da semana estacionava uma biblioteca ambulante: uma caminhonete da prefeitura cujas portas laterais se abriam revelando as estantes de livros. Para mim, a atração maior eram os livrinhos de capa vermelha do Conselheiro XX, pseudônimo de Humberto de Campos. A maioria continha crônicas atacando políticos e figurões e não me interessavam. Eu procurava aqueles que tinham histórias de amor que na época eram consideradas eróticas. Não me recordo de nenhuma delas, mas essas tardes de transgressão eram um segredo que eu não compartilhava nem com o Israel (NUSSENZWEIG, 2014, p. 31).

**Imagens 13 e 14** – Biblioteca Circulante do Departamento de Cultura





Fonte: Acervo DPH/PMSP. Benedito Duarte, 1937.

Temos também condições de mensurar como muitas dessas ações ligadas a política cultural instituída pelo Departamento de Cultura, nos anos 30 e 40 do século XX, era pensada e estava restrita a algumas camadas da população. Por exemplo, temos o relato sobre como os concertos que aconteciam no Teatro Municipal eram destinados a um público específico, devido sobretudo aos altos preços cobrados para os ingressos.

Numa ocasião, a família se reuniu junto ao rádio na sala de jantar para um acontecimento muito raro. Arturo Toscanini tinha vindo a São Paulo com sua orquestra, e ia dar um concerto à noite no Teatro Municipal. Os concertos eram raros em São Paulo naquela época. [...] Os preços eram considerados exorbitantes no Bom Retiro. A comparação que eu ouvia era que daria para comprar móveis para a sala de jantar com o dinheiro necessário para comprar ingressos de plateia para nossa família. Então, ouvir o mesmo concerto pelo rádio era uma pechincha, como textualmente diziam meus pais (NUSSENZWEIG, 2014, p. 18).

A música erudita parece ter sido uma das paixões do jovem Victor, que teve acesso a diversos autores e peças musicais frequentando a Discoteca Municipal, organizada por Oneida Alvarenga:

Havia uma discoteca pública junto do Teatro Municipal dirigida por Oneida Alvarenga. Nunca a vi, mas o nome 'Oneida' de algum modo me impressionou. Cabines individuais à prova de

som podiam ser ocupadas por uma hora ouvindo música clássica gravada em discos de 33 rotações por minuto, uma novidade na época. Meu compositor favorito era Beethoven, as sinfonias cinco, seis e sete, os concertos para piano e orquestra números quatro e cinco, e as suítes de Bach, sendo que a número dois devo ter ouvido dezenas de vezes (NUSSENZWEIG, 2014, p. 18).

O acesso a essas obras na Discoteca Pública, e a paixão pela música acabou tendo ressonância em uma atividade organizada por ele na Biblioteca Infantil, as audições de música erudita:

Uma das minhas iniciativas na biblioteca foi organizar um concerto de música clássica nas tardes de quinta-feira, num dos salões de leitura. Eu frequentava uma discoteca pública junto do Teatro Municipal – onde eu passava horas nas cabines acusticamente isoladas ouvindo música clássica. Em casa não havia toca-discos, só um radiozinho, e a única estação que transmitia alguma música clássica era a rádio Gazeta. Eu conseguia emprestado da discoteca alguns discos 'mais fáceis' e os transportava para a rua Major Sertório. Os meninos aguardavam a minha chegada supervisionados por dona Lenyra. A audição durava cerca de meia hora e era precedida por alguns minutos de explicação. [...] Os programas de música não duraram muito, os garotos achavam chato (NUSSENZWEIG, 2014, p. 71).

A obra *Memórias de um menino judeu do Bom Retiro*, de Victor Nussenzweig, revela como um jovem rapaz de cerca de 14, 15 anos circulava pela



cidade e usufruía dos diversos equipamentos culturais que haviam sido organizados anos antes, durante a gestão de Mário de Andrade como diretor do Departamento de Cultura. Passeando pelo Jardim da Luz e folheando livros e revistas da Biblioteca Circulante, ouvindo discos de música erudita, na Discoteca, ou ouvindo pelo rádio concertos executados no Teatro Municipal, Victor nos revela que as políticas culturais chegavam a públicos muito mais amplos do que os que originalmente haviam sido previstos. Que equipamentos culturais pensados para um público adulto foram utilizados também por jovens e crianças, ou mesmo que não tenham sido frequentados por esse público, acabaram tendo impacto em toda a sociedade, incluindo nela também as faixas etárias mais novas. As crianças e jovens, que surgem na documentação consultada nessa pesquisa, parecem não se contentar com o que a elas é dirigido e planejado, como é o caso da Biblioteca Infantil, e ampliaram suas possibilidades de apreensão e ação, pois tiveram a liberdade de circular pelo espaço urbano.

## Referências

- ANDREOTTI, Azilde L. *O Jornal como fonte de pesquisa. Um projeto de educação e cultura através do "A Voz da Infância" (1936-1950)*. 2004. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação) – Unicamp, Campinas, 2004.
- DE LA TORRE, Diana Gutierrez. *O livro além do braille: aspectos relativos à edição e produção*. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – USP, São Paulo, 2014.
- DUARTE, Paulo. *Memórias. Selva Obscura*. São Paulo: Hucitec, 1976. v. 3.
- FRACAROLLI, Lenyra Camargo. A Biblioteca Infantil do Departamento Municipal de Cultura. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, n. LXVI, p. 291-305, 1940.
- GONCALVES, Diana Vidal. Experiências do passado, discussões do presente: a biblioteca escolar infantil do instituto de educação Caetano de Campos (1936-1966). *Perspectivas em ciência da informação*, Belo Horizonte, v. 19, n. especial, p. 195-210, Dec. 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141399362014000500015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141399362014000500015&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 8 mar. 2021.
- KATZENSTEIN, Betti; FREITAS, Beatriz de. Algo do que as crianças gostam de ler. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, n. 77, p. 5-87, jun./jul. 1941.
- NUSENZWEIG, Victor. *Memórias de um menino judeu do Bom Retiro*. São Paulo: Hedra, 2014.

OLIVEIRA, Fernando Rodrigues. *História do ensino de literatura infantil na formação de professores no estado de São Paulo. (1947-2003)* São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. Epub.

PASQUIM, Franciele Ruiz. *Lenyra Camargo Fraccaroli (1908-1991) na história da literatura infantil brasileira: contribuições de uma bibliotecária educadora*. 237 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2017.

RAFFAINI, Patricia Tavares. A Voz da Infância: um jornal escrito para as crianças pelas crianças, 1936-1948, *Trashumante*. Revista Americana de História Social, México, v. 8, p. 84-107, 2016.

RAFFAINI, Patricia Tavares. *Esculpindo a Cultura na Forma Brasil*. O Departamento de Cultura de São Paulo (1935-1938). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

RENONCIAT, Annie; EZRATTY, Viviane; LÉVÊQUE, Françoise. *Livre mon Ami*. Lectures Enfantines. 1914-1954. Paris: Agence Culterelle de Paris, 1991.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na metrópole*. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

SOARES, Gabriela Pellegrino. *Semear Horizontes: uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

UEKANE, Marina N. Mulheres na Sala de Aula. *Revista Gênero*, Niterói, v. 11, n. 1, p. 35-54, 2 sem. 2010.

---

## Patricia Tavares Raffaini

Doutora em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), em São Paulo, SP, Brasil. Pós-doutoranda no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP), em São Paulo, SP, Brasil.

---

## Endereço para correspondência

Patricia Tavares Raffaini  
 Universidade de São Paulo  
 Instituto de Estudos Brasileiros  
 Espaço Brasiliana Avenida Professor Luciano Gualberto  
 R. Cidade Universitária, 78  
 Butantã, 05508-050  
 São Paulo, SP, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação da autora antes da publicação.*